

ANDRÉ LANGANEY — *Le sexe et l'innovation*, Seuil, Paris, 1979, 190 páginas.

O texto em questão reflecte as impressões de um antropólogo-geneticista ao percorrer os domínios da Etologia e da Sociobiologia.

O livro atrai, primeiro, pela bela capa, que reproduz dois frescos do Tassili pondo em confronto o *sexo* (cena de amor) e a *inovação* (cena de caça). Desde logo o texto denuncia a formação do autor, estranha às disciplinas que se propõe comentar: antropomorfismo constante, às vezes manobrado com ironia; recurso às ambiguidades de linguagem para tirar efeitos de es'ilo; surpresa perante os complexos processos da evolução dos comportamentos e sua descrição em termos antropocêntricos.

A obra subdivide-se em cinco partes. Na primeira, resumem-se os mecanismos químicos, genéticos, biológicos, da evolução das espécies. No segundo capítulo, discute-se o papel das estruturas e dos comportamentos nos processos sexuais da especiação, ilustrando com exemplos do processamento sexual complexo de certos invertebrados (de nomes belos e poéticos em francês: *Symphylle, Polixène, Collebole, Gloméris, Machilis, Lépisme*, etc.).

Passa-se depois à discussão da origem das sociedades animais enquanto 'inovação' suposta derivada dos comportamentos de aproximação sexual. No capítulo III (*A Invenção da Ignorância*), o autor disserta sobre o papel da aprendizagem na evolução, nomeadamente em relação à espécie humana e às que a precederam.

No capítulo IV, a nosso ver o mais original, suscitam-se as capacidades de corrosão do Poder (em termos de sociedades humanas) contidas na Etologia,

isto é, o poder subversivo latente no seu método e nos seus conhecimentos adquiridos (depois dos sucessivos aproveitamentos e manipulações de que foi alvo pelos ideólogos bem-pensantes e ultra-conservadores dos vários continentes). Assim se desmascara a irrisão da solenidade dos poderes e das instituições humanas, fundados sobre a herança sócio-comportamental de um primata até hoje pouco atento às misérias da sua condição.

«Foi preciso que se desenvolvesse o estudo científico dos comportamentos animais — afirma o autor (p. 149) — para que, enfim, por um deslize subreptício, se admita estudar cientificamente, no Homem, os comportamentos sociais, as hierarquias e os processos do poder.»

O breve capítulo final esboça uma crítica conceptual da Sociobiologia e das suas limitações se/ quando aplicada ao Homem actual.

Post-scriptum sobre Sociobiologia. Trata-se de uma disciplina de adven'to recente, que historicamente se iniciou com a publicação, em 1975, do livro de Edward O. Wilson intitulado *Sociobiology, the New Synthesis*, paráfrase do título de um livro célebre da autoria de Julian Huxley (*Evolution, the Modern Synthesis*), publicado em 1942, e onde se actualizavam as ideias da época sobre Evolução.

Segundo Wilson, a Sociobiologia estuda sistematicamente as bases biológicas de toda e qualquer forma de comportamento social em todo e qualquer organismo, incluindo o Homem (Wilson, 1975). Esta nova disciplina de raiz neo-darwinista resulta da convergência de duas vias tradicionais da Biologia — Genética das populações e Ecologia evolutiva, por um lado; Etologia e Comportamento animal, por outro (Clutton-Brock e Harvey, 1978). Tal é a síntese de

que Wilson foi o autor, abrindo largo campo de investigação e uma imensa polémica.

O sistema de Wilson, inspirado pela teoria de Hamilton (Hamilton, 1963), postula que as consequências evolutivas dos comportamentos sociais operam de modo a promover uma estratégia dos genes (por selecção genética diferencial) que os veiculam. O motor fundamental do mecanismo selectivo é, assim, deslocado da competição entre populações para o interior de cada grupo de animais gregários, v. mediante os comportamentos de altruísmo recíproco entre os indivíduos mais aparentados geneticamente.

Tal sistema apoia-se em alguns conceitos-chave, como o de selecção por parentesco genético (*kin selection*, *inclusive fitness*) que respeita à selecção de genes resultante de os comportamentos de um ou vários indivíduos favorecerem ou desfavorecerem a sobrevivência e reprodução de indivíduos aparentados geneticamente (para além dos descendentes).

Os precursores destas ideias teóricas foram entomologistas sociais. Bem se compreende, de resto, esta filiação, se pensarmos na rígida programação genética e no carácter automático dos comportamentos dos Insectos colectivos, Himenópteros e térmitas, aos quais o modelo se adapta com elegância e rigor matemático. Wilson, porém, no último capítulo do seu tratado e, mais recentemente, em *On Human Nature* (Wilson, 1978), procurou definir os limites da aplicação desses conceitos em sociedades humanas.

A possibilidade de fundamentar, a partir da síntese sociobiológica, modelos aferidos e preditivos dos comportamentos gregários, axiomatizáveis e matematizáveis, provocou um grande interesse pela nova disciplina e um grande número de trabalhos por ela inspirados, sobretudo nos E.U.A. Em contrapartida, o ênfase posto pela nova disciplina num pragmatismo evolutivo (ignorando o mecanismo íntimo da *black box* e jogando só com as 'entradas' e 'saídas'), para mais susceptível de justificar — quando transposto analogicamente para a Cultura — diversas formas de discriminação entre grupos humanos, suscitou contestação por muitos sectores.

A polémica recentemente aberta entre sociobiólogos e etólogos objectivistas, tem a ver com o primado e o destino das duas disciplinas, admitindo cada um dos grupos que a sua perspectiva se destina a englobar a outra perspectiva. Assim, segundo Wilson, a maior parte do conteúdo da Etologia será absorvida pelos sistemas explicativos da Neurobiologia integrativa (Neuroetologia) e da Ecologia do comportamento e Sociobiologia; reduz, entretanto, a Etologia, ao papel de descobrir e conduzir o primeiro nível de análise dos padrões de comportamento.

Reciprocamente, alguns etólogos clássicos refutam certos conceitos da Sociobiologia, afirmando a sua rigidez, simplismo e incapacidade para explicar inú-

meros fenómenos. O conceito de 'egoísmo genético' merece de Eibl-Eibesfeldt a seguinte imagem: «Será uma galinha um simples veículo para que um ovo produza mais ovos? Talvez, mas como biólogo não aceitos uma perspectiva tão simplista para o homem, senão mesmo para a galinha.» — E acrescenta: «O que por vezes irrita são certos conceitos simplistas camuflados sob o carácter espectacular de modelos matemáticos.» (Eibl-Eibesfeldt, 1979).

Em todo o caso, esboça-se já uma clara distinção entre os autores que adoptam o modelo sociobiológico nos limites estreitos da sua textura matemática — a Sociobiologia chamada *hard core* (Maynard Smith e Parker, 1976; Trivers e Hare, 1976; Hamilton, 1964) e a Sociobiologia *soft core* (Dawkins, 1976; Clutton-Brock e Harvey, 1978; o próprio Wilson).

REFERÊNCIAS

- CLUTTON-BROCK, T.H. (1978) — *Readings in Sociobiology*, San Francisco (Freeman).
- DAWKINS, R. (1976) — *The Selfish Gene*, London, Oxford Univ.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1979) — «Human ethology: concepts and implications for the sciences of man» *The Behavioral and Brain Sciences*, 2:1-57.
- HAMILTON, W.D. (1964) — «The Genetical Theory of Social Behavior», *Journal of Theoretical Biology*, 7:1-52.
- MAYNARD SMITH (J.); PARKER, G.A. (1976) — «The logic of asymmetric contests», *Anim. Behav.*, 24:159-175.
- TRIVERS, R.L.; HARE, H. (1976) — «Haplo-diploidy and the evolution of the social insects», *Science*, 191:249-263.
- WILSON, E.O. (1975) — *Sociobiology, the New Synthesis*, Cambridge, Massachusetts (Belknap).
- WILSON, E.O. (1978) — *On Human Nature*, Cambridge, Massachusetts (Harvard Univ. Press).

A. BRACINHA VIEIRA

FRANCINE JAULIN-MANNONI — *Pedagogia das Estruturas Lógicas Elementares*, Editorial Semente, Lisboa, 1978, 159 páginas.

A autora é especialista na reeducação de crianças com problemas de aprendizagem das matemáticas.

Manifestando, na presente obra, preocupações de natureza pedagógica, a sua prática orienta-se, no essencial, pelos dados teóricos formulados pela epistemologia genética. Esta obra, de âmbito obviamente restrito, apresenta-se-nos como uma excelente tentativa de integração teórico-prática, onde, para além da investigação propriamente dita, abundam os exemplos práticos, a descrição de casos clínicos e a descrição de técnicas metodológicas.

Inspirando-se em Piaget, particularmente na utilização da noção de estrutura e ainda na importância

que atribui às acções na construção do pensamento lógico. precisa, todavia, a natureza fenomenológica da abordagem piagetiana.

A temática central desenvolvida refere-se à dificuldade prática de comunicar ao sujeito algo que não deve receber mas sim *construir*, ou seja, levar a criança ao contacto com as «estruturas abstractas» que caracterizam o pensamento lógico. Assim, para o reeducador a questão a resolver centrar-se-á na procura dos meios que, de algum modo, contribuirão para que a criança (ou, mais propriamente, o incapacitado) consiga o acesso às actividades lógico-matemáticas, e não estas em si. E tal acesso, segundo a autora, opera-se através de aprendizagens, ou melhor, de situações que as possibilitem, que visam directamente as estruturas lógicas concretas.

Assim, para a autora, a escolha do processo pedagógico adequado para a resolução das perturbações no acesso às actividades lógico-matemáticas, que exigem o aparecimento e desenvolvimento de estruturas lógicas adequadas (das quais dependem as operações), deve ter em consideração os seguintes aspectos:

- a necessidade de acentuar o carácter de totalidade próprio das estruturas;
- a prioridade do papel jogado pelos sistemas significantes;
- a importância da análise de cada situação e o modo como o temporal se articula com o atemporal;
- o problema posto pela escolha de um domínio particular que servirá de suporte à aprendizagem.

JOSÉ PACHECO

O HOMEM E A SOCIEDADE — Órgão da Associação Comunitária de Saúde Mental, Rua da Quinta do Charquinho, 11-B, 1500 Lisboa

Saiu o segundo número do jornal *O Homem e a Sociedade*, órgão da Associação Comunitária de Saúde Mental que, segundo os seus estatutos, é constituída por doentes, antigos doentes, seus familiares, vizinhos e amigos, médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, antropólogos e demais pessoal técnico, tendo como finalidade:

- defender os direitos dos doentes;
- promover e defender a Saúde Mental na comunidade;
- promover e facilitar a participação social do doente após a alta hospitalar.

Dentro desta linha de objectivos, o presente número de *O Homem e a Sociedade* apresenta colaboração diversificada no campo expressivo do conto,

poesia e música, além de temas ecológicos, defesa do doente, testemunhos de experiências pessoais e profissionais.

Sentindo-se vocacionado *não para a doença mas para a saúde, o Homem e a Sociedade* preocupa-se com todo um grupo em que as razões de saúde (ou de doença) constituem mais um motivo para a sua segregação.

Constituído por um grupo de pessoas que preiendem construir um meio que possibilite a voz de quem a tem (ainda que muitas vezes abafada) o jornal propõe-se construir um meio de reflexão sobre aquilo que nos cerca... que, se por um lado interessa técnicos de saúde, conhecedores da realidade da vida das pessoas, do seu quotidiano concreto, por outro, importa também que a comunidade não esteja passivamente a consumir os cuidados de saúde que lhe impingem.

LUÍS GAMITO

ALBERT DEMARET — *Ethologie et Psychiatrie*, P. Mardaga, Bruxelas, 1979, 180 páginas.

Segundo a expressão de Paul Sivadon, contida em prefácio, Demaret empreende nesta obra «reflexões sobre a fecundidade do encontro entre duas disciplinas cujo parentesco, de há muito pressentido, só nos últimos decénios tem sido aprofundado».

Partindo da hipótese de que certos comportamentos psicopatológicos reproduzem atitudes ancestrais que, no passado filogenético da espécie humana, tiveram valor adaptativo (e que, expressas em grau moderado — em condições de heterozigotia — o podem conservar ainda), o autor procura, para determinados sintomas e síndromas da Psiquiatria, equivalentes analógicos no mundo animal, sobretudo entre os Vertebrados superiores gregários, principalmente os Primatas.

Apesar de uma breve referência à perspectiva jacksoniana e neo-jacksoniana (p. 39), prefere em definitivo adoptar como referência o modelo analítico. Interpreta então, nos capítulos do seu livro, vários quadros e sintomas:

i) Os rituais obsessivos, certas formas de masturbação, a onicofagia e a tricotilomania — a partir das «actividades de substituição».

ii) A catatonía (como homóloga da 'catalepsia animal') e a hipnose (como passagem de um comportamento de imobilização a um comportamento 'de seguir').

iii) A histeria de conversão, suposta análoga às paradas de simulação, v. de certas Aves.

iv) As depressões endógenas, tidas como emergência de comportamentos espaço-territoriais.

v) Os medos e as fobias, para os quais admite uma raiz filogenética precedendo as circunstâncias de aprendizagem.

vi) A anorexia mental.

No breve capítulo final («Natureza e Psiquiatria»), o autor estabelece um curioso paralelo entre a evolução histórica dos hospitais psiquiátricos e dos parques zoológicos, tanto no que respeita à atitude das pessoas da comunidade, como à natureza de reformas visnadas transformar a vida intra-muros (mobilização dos indivíduos, enriquecimento dos estímulos do meio e actividades disponíveis, etc.).

O capítulo que nos parece melhor arquitectado é o que o autor consagra à anorexia mental — domínio ao qual, desde há vários anos, dedica um interesse particular. Segundo a sua interpretação, reapareceria nas anoréxicas mentais o comportamento social arcaico das fêmeas dos Primatas que as leva a prodigalizar cuidados para-maternais aos indivíduos infantis do grupo. A redirecção deste instinto sobre o próprio corpo completaria o ciclo vicioso de autonomia dos sintomas, definindo o inteiro síndrome da *anorexia nervosa*.

Para além da nossa empatia com um trabalho que desenvolve temas que nos merecem um grande interesse, e da satisfação por vermos nele comentados alguns dos nossos próprios trabalhos, oferecem-se-nos algumas reservas face à obra actual do Dr. Demaret. Por um lado, a ausência de um capítulo contendo os fundamentos epistemológicos do discurso que desen-

volve; por outro, a falta de sólidas referências neuro-psiquiátricas, que esclareçam verdadeiras homologias entre comportamentos psicopatológicos do Homem e seus equivalentes inter-específicos, sobretudo no campo da psico-motricidade.

A. BRACINHA VIEIRA

PSIQUIATRIA CLÍNICA — Clínica Psiquiátrica — Hosp. da Univ. de Coimbra

No início deste ano surgiu a público o primeiro número da revista *Psiquiatria Clínica*, dirigida pelo Prof. Adriano Vaz Serra. Pelo que podemos ler em roda-pé do seu frontispício, *Psiquiatria Clínica* é uma publicação trimestral versando temas psiquiátricos e psicológicos de índole essencialmente clínica, voltada para a actualização dos técnicos de saúde interessados nestas matérias.

Graficamente simpática, esta revista, que já vai no seu terceiro número de vida, abre saudavelmente as suas páginas à intervenção dos vários modelos teóricos aplicados à clínica em Psiquiatria. Mostrando uma cuidada organização do seu conteúdo, *Psiquiatria Clínica* introduz a novidade *mass-media* do Autor Convidado, secção que contribuirá para aumentar o interesse que os seus leitores, certamente, lhe irão dedicar.

E, por tudo isto que é o trabalho dedicado de alguns, aqui fica a nossa saudação amiga.

LUÍS GAMITO